

AS RELAÇÕES DE FORÇA NA SALA DE AULA

Vilza Morais Gennari*

RESUMO

Este relato propõe uma reflexão sobre a existência de um possível deslocamento social nas relações de força que constituem os discursos do professor e do aluno dentro do contexto da sala de aula e, como este deslocamento pode interferir no processo ensino-aprendizagem.

Palavras-Chave: interpretação, deslocamento, poder, professor, aluno.

ABSTRACT

This narrative proposes a reflection about the existence of a possible social dislocation in strength relations that constitute the teacher's and student's discourse inside the classroom context and how this dislocation can interfere with the teaching-learning process.

KEY WORDS: interpretation, dislocation, power, teacher, student.

INTRODUÇÃO

Dentro de uma instituição escolar, a sala de aula é o contexto imediato onde professor e aluno interagem. De acordo com Bolognini (1991) citando Castelo e Steger, "no diálogo assimétrico, um dos participantes tem o direito de iniciar, orientar, dirigir e concluir a interação e ainda, exercer pressão sobre o(s) outro(s) participante(s)." Sendo esta relação o caso da interação em sala de aula, conclui-se que a interação ocorrida é assimétrica. Uma interação assimétrica é definida como "eventos de comunicação em que a distribuição do poder e do controle não é equitativa, como consequência da própria divisão do trabalho na sociedade" (Bolognini, 1991:63). Conclui-se que cabe ao professor iniciar, orientar, dirigir e concluir as atividades dentro de uma sala de aula. O professor pode até discutir os tópicos que serão abordados com os alunos, mas mesmo a decisão de discutí-los cabe a ele.

Estando em contato com vários professores de instituições de ensino, principalmente de escolas estaduais, e, tendo observado as dificuldades que estes professores enfrentam quando vão estabelecer algumas tarefas a serem cumpridas durante suas aulas, dificuldades estas que se relacionam com o poder do professor dentro da sala de aula, tem este trabalho por objetivo, propor uma reflexão sobre a

*Especialista em Literatura Brasileira. Aluna especial da Pós-Graduação em Lingüística Aplicada da UNICAMP.

Professora de Língua Inglesa da Faculdade de Ciências e Letras Padre Anchieta. Professora de Língua Inglesa do Ensino Médio da Rede Pública de Ensino.

existência de um possível deslocamento social nas relações de força que constituem os discursos do professor e do aluno e, como esse deslocamento pode interferir no processo de ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Partiremos dos estudos de Orlandi (1977) que diz ser a linguagem a mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social e que, através dessa mediação, que é o discurso, é possível tanto a permanência e a continuidade, quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. Para que este discurso seja produzido é fundamental o sujeito, a situação e a memória.

Um fator constitutivo do discurso e importante para a análise dos dados aqui abordados, são as “formações imaginárias”. Elas são constituídas pelas relações de força, sentido e antecipação. Orlandi (1977:39) afirma que “segundo as relações de força podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. Se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente de que se falasse do lugar do aluno”. O que define objetivamente a relação entre esses lugares, no discurso, de acordo com Brandão(1995:36) são as formações imaginárias. Ressalta ainda que “a imagem que temos de um professor é constituída no confronto do simbólico com o político em processos que ligam discursos e instituições e que na estrutura de uma formação social há lugares determinados. Assim, no interior de uma instituição escolar há o “lugar” do diretor, do professor, do aluno, cada um marcado por propriedades diferenciais.

O conceito de sujeito que vai ser aqui considerado, relaciona-se com a língua, com a história e com os sentidos através da realização dos gestos de interpretação. O sujeito é intercambiável – isto é, ele ocupa uma posição para ser sujeito do que diz - e seus gestos de interpretação resultam da intervenção da história para que a linguagem faça sentido. As palavras mudam de sentido, de acordo com a posição daqueles que a empregam. No decorrer deste relato, o sujeito se posiciona a partir do lugar ou posição de professor, derivando, portanto, seu sentido em relação à formação discursiva em que se inscreve. Submete-se à língua para dizer o que quiser, sendo o discurso um instrumento do seu pensamento e da realidade, deixando entrever a sua posição ideológica como uma condição para a sua constituição. Assim, o sujeito da linguagem não é o sujeito em si, mas tal como existe socialmente, uma vez que não é origem ou fonte absoluta de sentido, porque na sua fala outras falas se dizem. (Orlandi, 1977). Para Guimarães(2000: 4), “o sujeito não é a origem do tempo na linguagem. Ele é tomado na temporalidade do acontecimento”.

Guimarães(op.cit.) considera a “materialidade histórica do real” como um dos elementos constitutivos na conceituação do acontecimento. “Enuncia-se enquanto ser afetado pelo simbólico e num mundo vivido através do simbólico”. Portanto, a

linguagem só chega através do simbólico, uma vez que gira em torno dos gestos de interpretação, trabalhando seus limites e mecanismos como partes do processo de significação. Orlandi(op.cit.) distingue a inteligibilidade, a interpretação e a compreensão como partes do processo de significação. Enquanto a primeira confere um sentido à língua, a interpretação é o que fazemos o tempo todo e a compreensão é saber como produzir sentido. Dentro de uma sala de aula, se houver aceitação por parte do aluno do tópico proposto para a aula, isto significa que ele aceita o que o professor quer falar.

Para a análise do discurso o sujeito só constrói sua identidade na interação com o outro. Identificamo-nos com certas idéias, com certos assuntos, com certas afirmações porque temos a sensação de que elas vão de encontro a algo que temos dentro de nós. Ora, este algo é o que chamamos de interdiscurso, o saber discursivo, a memória discursiva. O discurso dos alunos, na coleta de dados realizada para esta pesquisa, em muito se assemelham. Todos estão comprometidos com o mesmo discurso porque são sujeitos que ocupam a mesma posição na cadeia discursiva.

Ao entrar na escola a criança tem que aprender o discurso escolar. É um discurso que, dentro da instituição, estabelece condições específicas para a comunicação e exige a submissão dos interactantes a essas condições. A comunicação transcorre como modelos atualizados pelos atuantes e, a análise da atividade verbal tem a tarefa de apresentar os modelos ilocucionários e descrever sua utilização (Bolognini, 1991:82). Quando a criança ou o adolescente não se inserem no discurso escolar eles são considerados indisciplinados, uma vez que os lugares sociais na escola são constituídos pelo aluno e pelo professor.

Vale considerar neste relato de pesquisa, a incompletude da linguagem. Nem sujeito e nem sentidos estão completos definitivamente. Eles se constituem e se entremeiam, derivam para outros sentidos e outras posições. É no corpo a corpo com a linguagem que o sujeito se diz. Temos a ilusão de que somos a origem do que dizemos. Dos elementos verificados nesta pesquisa, dizemos uma coisa e ela pode significar outra, dependendo do gesto de interpretação do interlocutor.

OS DADOS

Os dados(Anexos I, II, III, IV e V) foram coletados durante uma aula de Língua Estrangeira – Inglês - em uma escola estadual . Nesta aula, compareceram 40 alunos, dos quais 14 (quatorze) responderam às questões formuladas pelo professor. Os alunos foram orientados para não se identificarem e serem objetivos em suas respostas. Esclareceu-se sobre o objetivo da coleta de dados. Três questões foram elaboradas para esta coleta, sendo que as duas primeiras tinham como elemento comum “o silêncio”, componente essencial da formação discursiva, e a terceira referia-se às relações de poder dentro da sala de aula.

ANÁLISE DOS DADOS

Partindo do pressuposto de que a fala, quando ocorre na sala de aula, e não se relaciona com a atividade proposta pelo professor, pode interferir no processo de ensino-aprendizagem, esclarecemos que o conceito de silêncio aqui considerado é o silêncio que significa “silenciamento: uma política do sentido” que se define pelo fato de que ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada”(Orlandi, 1977;75). O professor, ao estabelecer uma atividade dentro da sala de aula, silencia outra atividade.

Alunos que entregaram suas respostas = 14

Primeira questão:	Sim	Não
É possível haver silêncio dentro da sala de aula?	13	1

Segunda questão:

Por que os professores precisam pedir silêncio para falar?

Respostas: a) porque há falta de respeito entre professor/ aluno e aluno/professor	8
b) porque há muitos alunos dentro da sala de aula	1
c) porque não gostam do professor	1
d) não responderam	4

Terceira questão:

Qual a relação que existe dentro da sala de aula entre professor e aluno?

Respostas: a) falta de compreensão, diálogo e paciência do professor para com seus alunos	8
b) falta de educação do aluno	1
c) a relação é boa	2
d) a relação é difícil	1
e) não responderam	2

Com relação aos dados apresentados sobre a primeira questão, os alunos confirmam a possibilidade de haver silêncio durante as aulas. Nestas respostas, podemos verificar que os sujeitos (alunos) se identificam em idéias e afirmações, construindo sua identidade na interação um com o outro. Para constituir-se como sujeito, os alunos deixam entrever em suas respostas as suas posições ideológicas. Através de “desde que os alunos estejam interessados na matéria...”; “vai pelo conceituamento dos alunos”; “mas é meio difícil...”; “é só contar com a colaboração de todos..”(Anexol).

Quanto à segunda questão, é importante esclarecer que a utilização do verbo “pedir”(pedir silêncio) pode colocar o professor em uma posição de submissão. Vale ressaltar aqui que a análise dos dados contidos no Anexo II coloca uma questão social. Estaria o professor, sendo deslocado de seu “lugar de dizer”?(Guimarães, 2000) Ao “pedir” o silêncio e, ao receber os enunciadores individuais do tipo : “é só o professor pedir com educação...” “os alunos muitas vezes não prestam atenção quando o professor quer falar”... “a gente só conversa bastante quando a gente não gosta do professor”... “ porque não se tocamos”.. “o professor teria que ser mais educado”...”porque não existe respeito nem dos professores, nem dos alunos”, não seria esta a significação? O sentido que estas palavras produzem sugere uma mudança na “imagem” do aluno dentro de uma instituição escolar. Se o que define a relação entre estes lugares são as formações imaginárias, não estaria havendo um deslocamento nestas relações?

As palavras que os alunos utilizam em suas respostas nos faz refletir sobre a afirmação de Ehlich(1993) ao comentar sobre os problemas sociais presentes na estrutura ilocucionária e proposicional, “O problema é a contradição existente na distância entre a prática e a instituição: transmissão de conhecimento e o saber que os alunos têm sobre o dia-a-dia” (Ehlich, 1993:89).

Quanto à terceira questão (anexos III, IV e V) podemos considerar que o gesto de interpretação de cada um pode variar, de acordo com o seu pré-conceito ou a sua história. Ao escrever a palavra “relação”, o professor, de acordo com a sua posição, derivou seu sentido para “relação de poder”, pois esta era uma das discussões das nossas aulas. Nesta análise de dados, constatou-se, no entanto, que a palavra “relação” foi compreendida como “relação de amizade” pelos alunos. Esta possibilidade deixa evidente que os gestos de interpretação, que fazem parte de processo de significação podem variar, e também, que as palavras mudam de sentido de acordo com a posição daqueles que a empregam. Ao colocarem em seus enunciados “a relação é difícil..”, “a relação é boa, às vezes uma discussão...”, “a relação é péssima porque eles (os alunos) só querem saber de brigar..”, “a relação depende do professor...”, “entre professor e aluno a relação tem que ser de amizade e não de conflitos..” os alunos confirmam esta constatação.

Sendo a antecipação parte constitutiva das formações imaginárias que constituem o discurso, é importante colocar aqui que alguns alunos perguntaram se não

iria mostrar suas respostas para a direção da escola, verbalizando um certo temor de uma reação punitiva que poderia advir.

Os resultados ora apresentados demonstram que um deslocamento social dentro da sala de aula está acontecendo.

COLETA DE DADOS

ANEXO I

Obs: Os anexos I, II, III e IV foram digitados na íntegra, apenas com o objetivo de facilitar a leitura das respostas dos alunos.

1ª Pergunta: **É possível haver silêncio dentro da sala de aula?**

1)“Sim”.

2)“ Sim, desde que os alunos estejam interessados na matéria, pode haver um certo silêncio, aí eles só vão conversar sobre a matéria e as dúvidas?

3)“Na minha opinião, é possível haver silêncio sim

4)“Sim, vai pelo conceituamento dos alunos”.

5)“É possível sim. Mas é muito difícil. Nós adolescentes somos eufóricos não sabemos a hora de ficar quietos”

6)“Sim, é possível haver silêncio na sala de aula. O professor deve pedir com educação e ser mais amigo dos alunos”

7)“Sim, é possível haver silêncio dentro da sala de aula”

8)“Sim, lógico que pode existir é só contar com a colaboração de todos para que isso aconteça, e os professores precisam pedir pois quando nos estamos fazendo algo não podemos ficar totalmente calados e às vezes, conversamos pois ficar mudo não é legal.”

9)“Sim, é possível.”

10) “Sim”

- 11) “Sim”
- 12) “Sim”
- 13) “Sim”
- 14) “A maioria das vezes não”

ANEXO II

2ª Pergunta: Porque os professores precisam pedir silêncio para falar?

1) “Por não a respeito mais, entre alunos e professores, se cada um impor respeito e respeitar ao próximo ai vai, melhorar “.

2) “É só o professor pedir com educação e compreensão que os alunos vão atender o pedido”.

3) “Por que os alunos muitas vezes não prestam atenção quando o professor quer falar e também muitas vezes os professores não dão chance para o aluno se expressar”.

4) “Os professores precisam pedir silêncio, para poder explicar a matéria, porque não dá para explicar nada com barulho, e também, não dá para ouvir nada e nem entender nada se não houver silêncio”.

5) “Na minha opinião, eu acho que tem muitos alunos dentro de uma classe, trinta alunos em uma classe, está ótimo”.

6) “Não são todos os professores a gente só conversa bastante quando a gente não gosta do professor. E quando o professor fala mal da gente na sala dos professores.”

7) “Porque não existe respeito nem dos professores nem dos alunos, porque os alunos são mal educados”.

8) “E os professores precisam pedir silêncio porque não se tocamos”.

ANEXO III

3ª Pergunta: Qual a relação que existe dentro da sala de aula entre professor/aluno?

1)“A relação com os professores e alunos é difícil, mas não impossível se ambas as partes se respeitarem”.

2)“Eu acho que existe uma relação boa, as vezes uma discussão com um ou com outro, mas dá para perceber que não são com todos, dependendo da classe”.

3)“Uma falta de educação tanto aluno com professor como professor com aluno”.

4)“Eu acho que os professores devem ignorá-los porque eles sendo ignorados eles terão mais educação e respeito com seus amigos e professores. É péssima a amizade, porque eles só querem saber de brigar e xingar os amigos”.

5)“A relação depende do professor, mas muitas vezes ela é ruim, pois não há compreensão. O aluno e o professor querem ter razão ao mesmo tempo. Mas, nós sabemos que a corda arrebenta sempre pro lado mais fraco, e esse lado é o nosso, e na maioria das vezes nós é que se ferramos sendo que às vezes eles é que estão errados”.

6)“Não a relação entre eles (nós), o professor só sabe ou brigar, ou não falar com a gente, mesmo se nos quisermos ter alguma relação, vocês não deixariam, é claro que alguns professores, que são legais, e acabam sendo nossos amigos”.

7)“A relação só existe se o professor e os alunos se entende e muitas vezes isso não acontece pois nesta escola e principalmente nessa classe a relação é muito ruim e às vezes, pelos próprios professores que não conseguem exercer seu respeito pelo aluno que são pessoas como qualquer outra”.

8)“Com alguns professores a relação é boa tipo de amigo para amigo. Mas há alguns professores que a relação é péssima pois nos trata mal”.

9)“A relação entre professor e aluno tem que ser de amizade e não de conflito. O professor está lá para ensinar e não ficar de marcação com os alunos para não ficar uma coisa chata e com isso se os alunos colaborarem o professor será cada vez mais nosso amigo”.

10) “O professor não tem diálogo com o aluno. Às vezes, eles não tem paciência. Os alunos também tem culpa, mas o professor deveriam ser mais compreensivo”.

11) “Os professores muitas vezes não dialogam com os alunos e não procuram entender o que acontece”.

12) “Depende do professor a gente é bem legal mas tem professor por exemplo a de geografia que não dá, ela é muito chata”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dos elementos verificados neste relato de pesquisa, observou-se uma certa resistência, por parte dos alunos entrevistados, em atribuir ao professor o seu lugar de direito, ou seja, de “detentor do poder dentro da sala de aula”. O que este resultado nos sugere, é que os eixos de flexibilidade e avaliação que regem a nova Lei de Diretrizes e Bases do nosso sistema educacional, e, que muitas vezes são mal compreendidos e interpretados por nossos professores e alunos, podem ter contribuído neste resultado, uma vez que o professor não pode mais decidir sobre a promoção dos seus alunos(ela é automática) e a relação de poder se desloca na direção deles.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLOGNINI, Carmen Zink.(1991) Tópico Discursivo na Aula de Língua Estrangeira: Desfazendo a Assimetria, Trabalho em Lingüística , Campinas, n.18

BRANDÃO, Helena H.Nagamine.(1995) *Introdução à Análise do Discurso*. 4.ed.Campinas:Unicamp.

EHLICH, Konrad.(1993) Análise da Atividade Verbal. Tradução de Carmem Zink Trabalho em Lingüística Aplicada, Campinas:Unicamp. Jan-Jun.1993, n.21,p. 79-93.